

Arquitetura inerente da expressão cinematográfica

Arquiteto e urbanista Roberto Salomão
@robertosalomao

Li, certa vez, num texto sobre cinema, uma definição do Jean-Luc Godard - cineasta, roteirista e crítico de cinema franco-suíço, e um dos pioneiros no movimento de filmes franceses da Nouvelle vague dos anos 1960 – sobre as muitas formas de fazer cinema:

“Como Jean Renoir e Robert Bresson, que fazem música. Como Sergei Eisenstein, que pinta. Como Stroheim, que escrevia romances falados na era do cinema mudo. Como Alain Resnais, que esculpe. E como Sócrates, digo, Rossellini, que cria filosofia. O cinema, em outras palavras, pode ser tudo ao mesmo tempo, juiz e litigante.”

Seguindo nessa definição, poderíamos acrescentar a essa lista sobre as diversas formas de fazer cinema, mais uma, talvez a mais específica de todas – a de “cinema como arquitetura”. Essa interação entre cinema e arquitetura, por sua vez, ocorre de várias formas e dimensões, e sob diversos aspectos. Entre essas dimensões, destacamos uma em particular: a dimensão tátil. Como bem afirmou em seu livro “The Architecture of Image. Existential space in architecture” o arquiteto e professor finlandês Juhani Pallasma

“A arquitetura e o cinema são comunicados essencialmente pela esfera tátil, em oposição à visualidade pura da pintura. [...] Embora a situação de assistir a um filme transforme o espectador em um observador desprovido de corpo, o espaço cinematográfico ilusório devolve ao expectador seu corpo., ao passo que o espaço experiencial tátil e motor proporciona poderosas experiências cinestésicas. Um filme é visto como os músculos e pelo tanto quanto olhos”.

É fácil compreender isso quando, ao assistir um filme, nosso corpo é transportado para os espaços fílmicos. Desse modo, é possível conhecer algum lugar sem nunca o ter visitado antes– nem mesmo importando a relação de tempo-espaço que esse “conhecer” venha a suscitar. Qualquer um, mesmo sem nunca ter pisado em Paris, pode ver a conhecer a Champs-Élysées, o Arco do Triunfo, ou qualquer outra cidade, lugar ou objeto arquitetônico, nos seus mais diferentes tempos históricos, por exemplo, por meio das imagens de um filme, onde é enfatizado aquilo que aprendemos a ver como a identidade visual desses lugares. O cinema e a arquitetura, assim, podem ser percebidos como uma “arquitetura inerente da expressão cinematográfica” ou como uma “essência cinematográfica da experiência arquitetônica”.

No filme *Meia Noite em Paris* (Midnight in Paris, 2011), escrito e dirigido pelo cineasta norte-americano Woody Allen, a personagem (Gil) interpretada pelo ator Owen Wilson, é um escritor e roteirista americano que vai com a noiva Inez e a família dela a Paris, cidade que tanto ele idolatra. Ao longo do filme, ele realiza vários passeios noturnos sozinho e descobre que, de forma surpreendentemente inusitada que, ao badalar da meia-noite, é transportado para a Paris da década de 1920, época

e lugar que ele considera os melhores de todos os tempos da história. Nessa espécie de "túnel do tempo", Gil participa de várias festas onde conhece e se relaciona com inúmeros intelectuais e artistas que tanto admira e que frequentavam a "cidade-luz" naquela época, como é o caso dos escritores F. Scott Fitzgerald, Gertrude Stein e Ernest Hemingway, e o pintor e surrealista Salvador Dali, entre tantos outros. A medida em que ele vai indo do presente ao passado e vice-versa, ele percebe que essa nostalgia que ele sente da vida nada mais é do que a sua negação de um doloroso presente, e que ele precisa mudar a rota de sua vida, para que ele consiga viver o presente de uma forma mais plena, sem que precise usar o passado como uma válvula de escape. Bem, vou parar por aqui para não dá ainda mais spoiler... Mas o filme é tão bom, que mesmo com spoiler vale a pena assistir.

Faz alguns anos que Woody Allen tem escolhido alguns lugares e cidades europeias como uma espécie de "protagonista" de seus filmes. Foi assim em Vicky Cristina Barcelona, Para Roma com Amor e mesmo o filme "Match Point", que se passa em Londres. Todos eles usaram essas cidades e sua cultura como um elemento central na condução da trama. Abro um parênteses aqui para dizer de minha admiração pela obra de Woody, desde os tempos de adolescência – o primeiro filme que assistir dele foi Manhattan, tinha na época cerca de 12 anos...

Nessa safra mais recente de filmes do Woody Allen, como de muitos outros cineastas, demos perceber que a imagem arquitetônica assume uma grande relevância na narrativa, ao tempo em que ajuda a delinear a própria natureza dos filmes, a função das ações e, ainda, a exata atmosfera das locações. Podemos afirmar que é justamente da conjunção destes fatores que se define a importância do papel da arquitetura no cinema.

Retomando o que falamos no início - o "cinema como arquitetura" – fica evidente nesses filmes que a arquitetura é mais que uma mera cenografia, um pano de fundo de uma cena. Ao contrário, é por meio da arquitetura que transita o roteiro, a trama no imaginário fílmico, que constrói estruturas capazes de resgatar tanto o espírito de uma época ou lançar o de outras, como no filme Meia Noite em Paris.

É, portanto, o espaço arquitetônico que permite a ligação entre tempo, espaço e o homem. Se a cenografia dos interiores de estúdio estava mais para um "pano de fundo", a arquitetura dos exteriores, como no filme Meia Noite em Paris, desempenha um papel preponderante na construção da própria narrativa cinematográfica, afinal, revisitando ainda Pallasma, a "arquitetura é uma mediação entre o mundo e nossas mentes"

Sou suspeito, mas Meia Noite em Paris, como todos esses filmes-cidades do Woody, são filmes para rever e rever, muitas e muitas vezes... Eternamente, afinal, para muitos, o tempo é apenas uma abstração inventada pelo homem.